

Pedro Eiras  
*Universidade do Porto*

## O caminho desviado do comum dos homens – Parménides em Maria Gabriela Llansol

### 1. O que é ouvir?

Ninguém se dispõe a ouvir ao acaso. Quando se ouve, convoca-se a voz, cria-se aquele que diz. Mais ainda quando a voz chega em fragmentos, quase agramaticalidades. Por exemplo – mas não é um exemplo ao acaso, o exemplo não existe, é um de-propósito, uma audição criadora – por exemplo: ouvir Parménides. Mas para que deveríamos, por que ousaríamos ouvir esse balbúcio quase ininteligível, certamente intraduzível? Intraduzível pois, como diz Barbara Cassin (1998: 9), a tradução do *Poema* de Parménides é inacabável: a sua escuta é infinita, convocando sempre a reescrita. Ouvir é reescrever. Heidegger, que definiu a ideia de apelo, de chamamento, conhece essa inevitabilidade – mas lamenta-a:

“todo o pensamento tardio que tenta estabelecer um diálogo com o pensamento antigo não pode senão ouvir o silêncio do pensamento antigo do próprio lugar onde ele mora e trazê-lo assim até um dizer. Certamente assim não se pode evitar que o pensamento antigo seja integrado num falar recente” (1954: 287-288)

Aquém do tom disfórico, da denúncia do discurso híbrido, da vontade (quão paradoxal e desmentida em Heidegger, que faz todos os autores antigos falarem heideggerianamente) de ouvir a voz grega na sua pureza irreduzível, devemos perguntar-nos, por dúvida metódica: não *como* ouvir Parménides – mas simplesmente: *para quê* ouvir Parménides? Que nos pode dar o seu *Poema*, os seus fragmentos, que o presente não nos dá ou, para escrever com as palavras de Heidegger, que o presente esqueceu? Como preservar, nessa audição, a fidelidade e o diálogo? Mas acaso há que ser fiel?

Em *Inquérito às Quatro Confidências*, Maria Gabriela Llansol escreve: “A terceira confiança / é que não há contemporâneos, mas elos de ausências presentes; há um anel de fuga. Na prática, é uma cena infinita – o lugar onde somos figuras.” (1996: 48). Curiosa afirmação num diário, que dizemos, estereotipadamente, escrita do presente e da presença, registo do real aqui-e-agora, real do próprio dia, real da

véspera tornando-se já passado, já irreal. Mas se não há contemporâneos, afastam-se para um limbo incerto as pessoas ditas neste diário, e em especial Vergílio Ferreira, seu núcleo magnético. Ora, esta revisão parece apenas servir para alargar a presença a um infinito em que entrará, poucas páginas depois, Parménides. Afasta-se a concepção de um presente tangível para pensar uma “cena infinita”, mais aberta. De resto, a citação avança afirmativamente, com os verbos “há” e “é”, que parecem já uma citação do *Poema* grego: não há recusa do ser, há atenção ao distante – e à distância de quem está tão próximo.

Parménides será citado, partilhado, traduzido; palavras do *Poema*, como a forma “há”, serão trabalhadas por Maria Gabriela Llansol. Mas antes, e durante, e depois – haverá também o diálogo com Vergílio Ferreira. Não estabeleço ainda relação entre o romancista contemporâneo e o filósofo antigo, a não ser a contiguidade sintagmática; mas já sabemos quão significativo é o sintagma. Ora, quem é Vergílio Ferreira em *Inquirito às Quatro Confidências*? Eis o que lhe diz a narradora:

“– Só sei que não sei essa forma de saber a que se refere, Vergílio – respondo-lhe.

Como dizer-lhe que não sei, que o saber-saber entorpece, que receio o saber, os esquemas e as explicações, que o homem não dispõe de corpo para imaginar o universo, os fins últimos e as razões primeiras, mas que está aqui, caminhando no há que há?...” (1996: 60)

Há outro grego nesta página, claro (na verdade, há uma multidão de vozes): “Só sei que não sei” convoca Sócrates, do mesmo modo que “caminhando no há que há” reivindica Parménides. Há a afirmação do “há”, e há também a negação de um saber que equivale a não-saber, ou a não-ser. Sem querer avançar depressa demais, lembraria o fragmento II de Parménides, onde se dizem as duas vias de pesquisa a pensar:

*Um, [aquilo] que é e que [lhe] é impossível não ser, é a via da Persuasão (por ser companheira da Verdade); o outro, aquilo que não é e que forçoso se torna que não exista, esse te declaro eu que é uma vereda totalmente indiscernível, pois não poderás conhecer o que não é – tal não é possível – nem exprimi-lo por palavras.* (Parménides, cf. Kirk, Raven e Schofield 1957: 255)

A segunda via é errônea e triste, num sentido de tristeza que Llansol colhe da *Ética* de Espinosa: é uma via errônea *porque* triste. Ora, o erro encontra-se no saber atribuído a Vergílio Ferreira. A segunda via é a do “saber-saber”, modo tautológico e metareflexivo de dizer a tristeza e o abismo da consciência consciente da sua própria consciência (mais um nome aqui para o dialogismo: Fernando Pessoa, Aossê no texto llansoliano).

Dito assim, o duplo (ou infinito) acolhimento em Llansol tem um sentido: Parménides é uma resposta a Vergílio. Sim: a ordem da pergunta e da resposta nada deve à ideia banal de cronologia. No “há” llansoliano, as vozes encontram-se numa sincronia capacitante de diálogo – ou, para usar um termo da música erudita, num *cluster* em que todas as melodias e harmonias permanecem disponíveis, em latência. Ouvir é deixar advir música dessa sobreposição: “eu poderia escrever sobre os problemas do tempo em que vivemos mas só poderia falar deles a partir do meu, do meu tempo, des-datando, que é o modo como escovo o fato dessas imagens” (1996: 28). Des-datar o passado de Parménides no presente dialogante do “há”, mas desde que se des-date

também o presente ilusório de Vergílio Ferreira num reencontro com o ser além da cronologia.

Des-datação fiel, mas não pura, não asséptica. Desde as primeiras páginas de *Inquérito às Quatro Confidências*, um torvelinho entra pela janela e polui a casa. Ei-lo entre as páginas 9-10, mas regressando na 63, na 144, na 151, devindo um torvelinho de luz quase no fim do texto, página 183. Surge na primeira página que tem o nome “Vergílio”; e a autora diz escrever sobre o torvelinho: não *acerca* dele, mas *por cima* dele, como se o torvelinho substituísse a folha lisa de papel – a questão da lisura voltará mais adiante. Não interessa retirar à habitação esse sinal de hibridez, essa forma aberrante na civilização, esse aparente não-ser. Porque, na verdade, o texto diz que só o torvelinho, híbrido, indefinível, intratável, é o lugar da quimera e do verdadeiro “há”: só a limpeza, a intervenção da razão do homem contra a natureza constituem a negatividade. Que isto é verdadeiro, mostra-o uma referência, no fim de *Inquérito às Quatro Confidências*, à doença dita das vacas loucas: é precisamente a razão, e não a ausência dela, que leva os animais à extinção – como leva Vergílio Ferreira à tristeza. Pelo contrário, a autora escreve: “No *bá que escolbi*, / a minha espinha dorsal é o júbilo.” (1996: 72).

A pergunta de Vergílio Ferreira encontrará resposta no século V a. C. (e esta formulação precisa, claro, do verbo no futuro do indicativo). Por que devemos ouvir Parménides? Porque ele responde a questões que nós ainda nem formulámos. Isto significa que o ouvimos na sua pureza? Não: significa que o reescrevemos. Nenhuma impostura em *Inquérito às Quatro Confidências*, aliás; a autora define o seu programa: “Vou cruzar o canónico com o apócrifo.” (1996: 67), e certamente nunca saberemos (interessaria *saber?*) onde há canónico e onde há apócrifo.

Mas Maria Gabriela Llansol reintroduz o dialogismo mesmo onde a escrita ameaçaria cristalizar. Um exemplo. Lembre-se que Nietzsche, aliás figura llansoliana desde *O Livro das Comunidades*, acusa Parménides em *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*: “é um profeta da verdade, mas parece feito de gelo e não de fogo” (1873: 57). Poupa-o aos maus tratos reservados a Platão, mas denuncia em Parménides a propensão para o abstracto, o descrédito conferido aos sentidos, o desinteresse em geral pelo fenómeno. Para Nietzsche, em suma, “Parménides e Zenão (...) partem do pressuposto absolutamente indemonstrável, ou mesmo improvável, de possuímos na faculdade conceptual o decisivo critério supremo acerca do ser e do não-ser, isto é, acerca da realidade objectiva e do seu contrário” (*ibidem*: 75).

O “há” llansoliano não é, como o de Parménides, coeso, se por coesão se entender a ausência de diferença; pelo contrário, a diferença é celebrada como acontecimento. Eu diria assim: perante a disforia de Vergílio, Llansol prefere ouvir o “há” de Parménides; mas perante o horror ao fenómeno em Parménides, Llansol procura ouvir o sim à vida de Nietzsche. A audição é um trabalho de construção, fora do tempo e cheio de júbilo.

## 2. Quando vou, quem me conduz?

Estou na cena de leitura, a narradora e Vergílio Ferreira conversam. Subitamente, outra voz irrompe, citada:

“as éguas que me conduzem levaram-me tão longe quanto o meu coração podia desejar».

– Gabriela, mas esse é o início do poema de Parménides!

«arrastaram-me...»

– Sim.

«pelo caminho que abunda em revelações do deus  
o caminho que leva o homem que sabe  
foi por ele que fui levado pelas éguas prudentíssimas  
mulheres jovens indicavam-nos o caminho»

– Deixe-me traduzir.

– Traduza.

«quando as Filhas do Sol, deixando para trás as moradas da noite, estugavam o passo para correr na luz do dia, afastando com as mãos os véus que lhes cobriam a cabeça»

– Atavam à cintura os xailes da mente.

– É bem provável!” (Llansol 1996: 56)

É o próêmio (hoje o designado fragmento I) do *Poema de Parménides*. Dele a Antiguidade disse que tinha um valor poético suspeito e que era escusado como intróito a um texto filosófico. Mas a interpretação deste fragmento faz correr rios de tinta. Talvez tenha reminiscências de xamanismo ritual arcaico, hoje incompreensíveis (Kirk, Raven e Schofield 1957: 253). Por outro lado, parece ser um palimpsesto de Homero e Hesíodo; a *Odisseia*, em particular, constituiria um hipotexto poderosíssimo no *Poema de Parménides*, onde a aventura do ente é construída *sobre* a aventura de Ulisses (Cassin 1998). Quanto a Sexto Empírico, no século II d. C., interpreta este fragmento a partir de uma matriz platónica: as éguas são as pulsões da alma, as mulheres jovens são os sentidos. Barbara Cassin mostra como esta leitura só pode ser suportada numa montagem *ad hoc* dos fragmentos (1998: 16), que inventa um certo Parménides à luz do racionalismo posterior, do mesmo modo que Heidegger ou Nietzsche criaram os seus Parménides, adjuvantes ou oponentes próprios.

Em Maria Gabriela Llansol, o fragmento é em primeiro lugar uma voz entrosada em duas vozes, o terceiro lugar que permite o diálogo, o pretexto talvez para um jogo de infância (“Deixe-me traduzir”, como quem dissesse: deixa-me jogar, agora é a minha vez), talvez para uma revisão onde Nietzsche se adivinha (“(...) afastando com as mãos os véus que lhes cobriam a cabeça» / – Atavam à cintura os xailes da mente.”). Seja como for, é claro que a emergência do *Poema de Parménides* não é um encaixe na narrativa, mas que este fragmento descreve também o diálogo entre a narradora e Vergílio Ferreira, recorda toda a vivência em torno do “há” das páginas anteriores, anuncia as indagações e confidências das páginas seguintes. É o *Inquérito às Quatro Confidências* que emerge *no Poema de Parménides*, que ele paradoxalmente contém, assim dividido em traduções interrompidas e partilhadas, fragmentos dos fragmentos. E não se trata de um trabalho intelectual (o repellido “saber-saber”), mas de uma troca dominada pelo corpo e pelo júbilo. Os xailes da mente ficam atados à cintura.

O diálogo continua:

- “Sabe os nomes das jovens que o conduzem?  
– Que me conduzem?  
– Não é o Vergílio que vai sobre o carro, ao encontro do deus?  
– Em primeiro lugar, não é um deus, mas uma deusa. A Justiça. Em segundo lugar, não sei se sou eu. Mas se for?  
– Se for, chamam-se Bárbara, Mónica, Sandra...  
(...)  
– E... se eu for o Jovem, a Gabriela quem é?” (Llansol 1996: 57)

Questão da identidade, como noutros lugares deste livro: “o segredo estético dessa luz faz-me pensar no elo subtil com que ela se articula ao meu pensamento. Hei-de perguntar-lhe por que me leva assim \_\_\_\_\_ / e quem é?” (1996: 22). Mesmo a quarta confidência “é sobre o desejo e a repulsa da identidade.” (1996: 48). Desejada e repelida, a identidade nem sempre serve, mas insiste em regressar. Ela serve quando o ouvinte contemporâneo precisa de perceber como era já sobre ele e para ele que Parménides escrevia o *Poema*. As jovens, por exemplo, não são aqui os sentidos, secundarizados por Platão, mas as personagens de Vergílio: tal como o próprio *Inquêrito*... se encaixa no *Poema*, assim as personagens – Bárbara, Mónica, Sandra – guiam o criador. O autor escreve, mas para ser conduzido. É a escrita que o inventa como Jovem; o Vergílio Ferreira do *Inquêrito*... não compreende isto, replica: “– Por que haveria de ser eu o *Mais Jovem* – se é um facto que estou velho?”, e a narradora não pode senão responder: “– Vergílio \_\_\_\_\_” (1996: 58), num traço que é também uma *ausência presente* significativa.

A identidade é o que permite ao ouvinte devir o Jovem do *Poema*. A identidade é o devir – talvez aqui a sintaxe do ser seja mais a de Heraclito do que a de Parménides. Contra um “há” demasiado violento no seu monologismo, Llansol pode escolher outra voz, que é também ausência de voz: “Não vou perguntar: «quem falta?» Sou eu que falto, o fragmento por que suspiro, e que está suspenso fora de mim.” (1996: 24).

### 3. Há.

Em Parménides, a primeira via é a única transitável. Nenhuma reticência: o ser é completo, sem nascimento, sem morte, perfeito; Parménides cria um monismo (Kirk, Raven e Schofield 1957: 259). Lembre-se o começo do fragmento VIII do *Poema*:

*De um só caminho nos resta falar: o do que é. Neste caminho há indícios em grande número de que o que é ingénito e imperecível existe, por ser completo, de uma só espécie, inabalável e perfeito.”*

*“Nunca foi nem será, pois agora é como um todo, um só, contínuo. Pois que origem lhe poderás buscar? Como e donde nasceu? Não te permitirei que digas ou que penses a partir do que não é. (Parménides, cf. Kirk, Raven e Schofield 1957: 259-260)*

Para encontrar em Llansol a mesma unidade do ser, devemos procurar a libido, aquele *eros* que está no diálogo e não no monologismo, na cintura e não na mente, “a libido da pujança que afirma e não divide nem separa.” (Llansol 1996: 38). O que não divide nem separa é, desde o início do texto, um verbo: “eu vou” (1996: 7), ou, mais adiante: “há” (1996: 42). Porque o “há” nada deve ao tempo:

“– Como o há é exterior e anterior aos mundos, há e há-sempre é a mesma coisa, como aqui e ali, como houve, há e haverá.  
(...)”

– Se assim for, entre houve e há, por exemplo, haverá sobreimpressão.” (1996: 66)

Deste “há”, que é o resultado de todas as sobreimpressões – o *cluster* de todos os *clusters* – Llansol pode dizer o que diz Parménides do ser: que ele não nasceu nem morrerá, que não carece de nada. E mesmo esta formulação é demasiado negativa; sobre o há deveríamos ficar em silêncio.

Ficar em silêncio, mas não imóveis: “eu vou”, em Llansol, propicia *eros*. Mesmo se Zenão, discípulo de Parménides, acaba por negar a existência do movimento. Talvez Llansol reveja Parménides-Zenão neste ponto; e poderíamos aproximar ideias contrárias que foram ficando pelo caminho. Eis o lugar de encontro: “Não era eu que estava ali – sabe; eu não sou nada, vivo perfeitamente no nada \_\_\_\_\_ só que, à minha volta, é tudo há.” (1996: 119). É como se o lugar “à volta” fosse o “é” de Parménides, e a narradora o seguisse de cada vez que Vergílio Ferreira insistir na tristeza; mas assim que, na sua solidão, não precisar de enfrentar o peso destrutivo do não-ser da tristeza, a autora assumirá novamente que ela mesma é apenas nada, falta de identidade. Parménides é portanto revisto por uma forma de teologia negativa. Ou será que, como em Simone Weil, o sujeito quer ser nada para que Deus alcance o mundo sem obstáculo?

“Já não sou a jovem que espera por um noivo, mas o terceiro elemento importuno, que está com os noivos e se deve ir embora de modo a que fiquem verdadeiramente juntos.

Se soubesse simplesmente desaparecer, haveria conciliação perfeita entre Deus e a terra por onde caminho, o mar que oiço...” (Weil 1947: 46)

O ente perturba o ser. Llansol di-lo-á também, mas talvez sem desejo de se retirar: “Quando nos apercebemos que o há é há, não somos só parte dele. Acrescentamos-lhe um ver criador \_\_\_\_\_ criamos, modificando-lhe a paisagem.” (1996: 168).

A narradora é nada, mas o nada que ela é, cercado de “há”, cria, escreve. Sem apropriação do mundo, mas sendo o incerto funâmbulo da consciência do universo (1996: 169). E também sem terra firme, mas com a segurança técnica da “artesã” (*ibidem*: 170). Porque a escrita, ou intervenção no “há” que afinal não é uno nem definitivo, se diz como transformação desejada, prevista, salvífica:

“– Vergílio!

– Sim?

– Vamos mudar a cor e a grafia do *A* de Rimbaud? Lembra-se do que ele escreveu: «A estrela choveu rosa no coração do teu ouvido atento / O infinito rolou alvo no teu corpo, da nuca aos rins / O mar orvalhou ruivo os teus seios de rubro cobre / E o Homem sangrou negro no teu flanco sem fim».

– Ele identifica o *A* negro e o Homem.

– Sim. E o alvo com o infinito. (...)

– E como ficaria?

– *Há*.” (Llansol 1996: 41-42)

O texto avança mais depressa do que parece. Porque elide um poema de Rimbaud, “Vogais”; só por seu intermédio se compreende que o *A* seja negro – e quanto à valorização negativa dessa cor (cf. também: “Eu não pertenço ao *A* negro que tem este mundo em seu poder.” (Llansol 1996: 50)), devemos procurá-la na idiosincrasia llansoliana, não em Rimbaud. Por outro lado, o facto de aquela quadra rimbaldiana coabitar no livro com o *Poema* de Parménides obriga a reler os dois textos em conjunto. Na leitura llansoliana de Parménides, o xale desce da mente para a cintura; no poema de Rimbaud, o infinito rola da nuca para os rins. De passagem, o verbo rolar é substituído pelo sinónimo “girar” e ganha traços de programa nesta frase de Llansol: “– Escrevo para girar de *A* em *Há*, rodopiar com as vibrações que sobem e nos elevam até ao lugar em que já não podemos descer, nem evadir-nos – o *Há* sobre o *Há*.” (1996: 51).

Por outro lado, no último verso da quadra, Rimbaud escreve: “Et l’Homme [a] saigné noir à ton flanc souverain.” (1871: 50), que Llansol traduz assim: “E o Homem sangrou negro no teu flanco sem fim”, insistindo no sema do infinito, já evidente no segundo verso. Ora, em Parménides, não só não se pode falar do não-ser, pois ele não é, mas ainda o ser é finito: “é justo que o que é não deva ser imperfeito; pois de nada precisa – se assim não fosse, de tudo careceria.” (Parménides, cf. Kirk, Raven e Schofield 1957: 263); na descrição do ente como limitado haveria uma reminiscência do episódio da *Odisseia* em que Ulisses é preso ao mastro (Cassin 1998: 55). Não sabemos quem ou o que é o “tu” do poema de Rimbaud; sabemos que o seu flanco é, não *souverain*, mas sem fim: revisão llansoliana de Parménides?

Resta ver que o *A* negro se transmuda em *Há*, a vogal torna-se ser, ou contrai um pacto com o H de Homem. Desse H só podemos aperceber-nos pela escrita, como ficou claro: “– Escrevo para girar de *A* em *Hã*”. As próprias gaivotas gritam assim em *Inquérito às Quatro Confidências*: “*bã bã bã*” (Llansol 1996: 63).

#### 4. Não ser não é.

O pacto com o “há” recusa o pacto com o mero pensar, ou o “saber-saber”. Llansol não cita – e certamente recusaria – a ideia de Parménides que Heidegger mais glosa: a identidade entre pensamento e ser. Eis como se opera a recusa da razão soberana. Vergílio Ferreira comenta: “– A Gabriela está a mudar de escrita”, e a narradora responde: “– Talvez o equivalente, no tempo dos verbos, ao infinito que se dobra e flecte sem pensar na morte, nem fazer metáforas.” (Llansol 1996: 35). Voltaremos à ideia de morte; por ora, vejamos que há aqui um não-pensar que não implica qualquer ausência de ser – pelo contrário. Há, sim, o há infinito que se dobra.

Curiosamente, Heidegger recorre à mesma ideia de Dobra (1954: 289), com maiúscula, para descrever, a partir de Parménides, o ser enquanto duplo, isto é, enquanto ser e ente ao mesmo tempo; o dizer seria o fazer-aparecer da coisa presente exposta. O desdobramento da Dobra geraria o desvendamento ou, no termo recuperado por Heidegger, *aleteia*, que o filósofo descreve com o exemplo do discurso da deusa, no primeiro fragmento de Parménides (*ibidem*: 299). Mas em Llansol a dobra do infinito verbal não deve ser desdobrada: nenhuma *aleteia* se lhe seguiria. A dobra deve, pelo contrário, ser novamente dobrada, redobrada, reduplicada infinitamente. Contra

o desdobramento heideggeriano, *Inquérito às Quatro Confidências* pede um dobrar deleuziano, capacitante, infinito (cf. Deleuze 1988).

Três últimos exemplos de diálogo, talvez não sempre explícito, com Parménides. O primeiro remete para o fragmento II, já aqui referido, que distingue as duas vias de pesquisa, a primeira certa, afirmando o é e recusando o não-é, a segunda errada, afirmando o não-é. Depois do texto de Parménides, depois do comentário da narradora sobre as duas vias (“Não acha que é a eterna guerra dos gregos entre o sólido e o líquido?” (Llansol 1996: 65)), encontramos este pequeno episódio: “estendi, na pequena mesa da casa de banho, uma toalha por passar, a substituir a anterior, também branca, mas já suja e enodoada; reparei que preferi o limpo ao liso. «Não é esta a primeira via», pensei.” (Llansol 1996: 65). Isto é, quem recusa o sujo, quem recusa escrever sobre o torvelinho – não está na via do ser. Ora, a via em que convém seguir é “a via do há que tenha aura”, quer dizer, “O limpo branco sobre o não engomado branco.” (Llansol 1996: 66). Correção paradoxal, difícil de ler. Reabilitação final do branco, do limpo? Mas nesse caso, sobre o não engomado que resiste, isto é, a toalha engelhada, a dobra.

O segundo exemplo decide explicitamente a favor da dobra. É um comentário metatextual quanto ao “irritante traço contínuo” (1996: 75) dos textos llansolianos:

“Se eu pretendesse escrever um texto sempre limpo – tiraria o traço. Onde não soubesse, nada escreveria. Mas como iria saber que ali não soube, ou nem sequer me pertencia saber? O texto é limpo, e por passar. Onde o traço é apagado, vê-se claramente o raspar da borracha. Deixar o traçado.” (*ibidem*)

Gloso com algum risco esta passagem difícil: o texto não deve ser limpo, logo o traço deve permanecer; mas mesmo que se apagasse, o raspar da borracha lembraria a diferença, a dobra; e contudo, por mais dobrado que seja o texto, ou o mundo, ou a toalha, eles são o “há” e nesse sentido inteiramente limpos: “O texto é limpo, e por passar”, o texto é limpo precisamente porque fica sempre por passar. A este nível, o diálogo com Vergílio Ferreira volta a instaurar violência: “Diz-me o meu companheiro filosófico que faça um Diário ininterrupto, que me deixe de tracejados, antes que se perca o lugar de onde vou para onde vim.” (Llansol 1996: 112).

Mas é o terceiro exemplo que decide deveras sobre o que há e o que não há. Não me proponho comentá-lo, apenas citar algumas frases. Citar este fragmento de *Inquérito às Quatro Confidências*, depois da morte de Vergílio Ferreira: “agora, que não mais o verei face a face”, na página 133. Citar esta frase dos cães a Maria Gabriela Llansol: “Cumpra a tua parte do contrato”, na página 137. E por fim, na última página do livro, este breve diálogo:

– Gabriela!

– Sim!

– Ver-nos-emos face a face, daqui a milhões de anos.

– Sim!

– Faça a sua parte! Sem medo, sem medo, sem medo.” (1996: 184)



**BIBLIOGRAFIA.**

- CASSIN, Barbara (1998), “Présentation. Quand lire, c’est faire”, in Parménides, *Sur la Nature ou sur l’Étant. La langue de l’être*, ed. de Barbara Cassin, Paris, Seuil, 1998: 9-68.
- DELEUZE, Gilles (1988), *Le Plí. Leibniz et le Baroque*, ed. ut.: Paris, Minuit, 2002.
- HEIDEGGER, Martin (1954), ed. ut.: “Moira (Parménide, VIII, 34-41)”, in *Essais et Conférences*, Paris, Gallimard, 2001: 279-310.
- KIRK, Geoffrey S., RAVEN, J. E., e SCHOFIELD, Malcom (1957), *The Presocratic Philosophers. A critical history with a selection of texts*; ed. ut.: *Os Filósofos Pré-Socráticos. História crítica com selecção de textos*, 5ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 2005.
- LLANSOL, Maria Gabriela (1996), *Inquérito às Quatro Confidências. Diário III*, Lisboa, Relógio d’Água.
- NIETZSCHE, Friedrich (1873), *Die Philosophie in Tragischen Zeitalter der Griechen*; ed. ut.: *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, Lisboa, Edições 70, 1995.
- PARMÉNIDES (s/d), [Poema]; ed. ut.: tradução de fragmentos em Geoffrey S. Kirk, J. E. Raven e Malcom Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos. História crítica com selecção de textos*, 5ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 2005: 249-273.
- RIMBAUD, Arthur (1871), “L’étoile a pleuré rose au cœur de tes oreilles,”; ed. ut.: Arthur Rimbaud, Charles Cros, Tristan Corbière, Lautréamont, *Œuvres Poétiques Complètes*, Paris, Robert Laffont, 1980: 50.
- WEIL, Simone (1947), *La Pesanteur et la Grâce*, ed. ut.: *A Gravidade e a Graça*, Lisboa, Relógio d’Água, 2004.

